

## SAÚDE DO TRABALHADOR: CONHECIMENTO E AÇÕES DOS PROFISSIONAIS ENFERMEIROS NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE

Grasieli Richetti da SILVA<sup>1</sup>, Camila MARCONDES<sup>2</sup> & Daniela Savi GEREMIA<sup>3\*</sup>.

<sup>1</sup> Enfermeira, graduada pela Universidade Paranaense - UNIPAR, Unidade Universitária Francisco Beltrão-PR. Endereço: Linha Brasília s/n – Verê. CEP: 85.585-000 - E-mail: [grasi\\_enfermagem@hotmail.com](mailto:grasi_enfermagem@hotmail.com)

<sup>2</sup> Enfermeira, Especialista em Farmacologia pela UNIPAR - Universidade Paranaense. Atualmente é pós-graduanda do curso de Enfermagem do Trabalho. E-mail: [mi\\_marcondes@hotmail.com](mailto:mi_marcondes@hotmail.com)

<sup>3\*</sup> Mestre em Enfermagem, Doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Rua Sebastião de Lacerda, n° 30, bloco 2 Apto 408, Laranjeiras. CEP: 22240-110. Rio de Janeiro-RJ. E-mail: [daniela\\_savi@hotmail.com](mailto:daniela_savi@hotmail.com).

Recebido em: 12/04/2012 – Aceito para publicação em: 21/02/2013

**RESUMO:** Esta pesquisa teve como objetivo avaliar o conhecimento e as ações dos enfermeiros da rede pública de saúde, sobre a saúde do trabalhador. A metodologia contou com uma pesquisa de campo, quanti-qualitativa através de questionário semi-estruturado. A coleta de dados foi realizada no mês de junho de 2009 em oito Unidades de Saúde da Família na rede pública de saúde do Município de Francisco Beltrão-PR. Após a análise dos dados foi possível constatar que os enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família do município de Francisco Beltrão-PR têm pouco conhecimento sobre a saúde do trabalhador e sobre as ações que podem realizar para atender essa clientela, porém são profissionais que tem consciência da importância dessa área de atuação e apresentam interesse na atualização e treinamento na saúde do trabalhador. Desta forma, identificou-se a falta de um programa de educação continuada eficaz para atender as demandas dos profissionais.

**Palavras-chave:** Saúde do trabalhador, enfermagem do trabalho, enfermagem em saúde pública.

**ABSTRACT: “Health worker: knowledge and professional nurses in network of public health”** The aim of this article is to assess the knowledge and actions of nurses about worker's health in public health system. The field research was conducted through a quantitative and qualitative semi-structured questionnaire. Data collection was performed in June 2009 in eight Family Health Units of the municipality of Francisco Beltrão's-PR public health system. After analyzing the data we concluded that the nurses of the Family Health Strategy of the municipality of Francisco Beltrão-PR have little knowledge about worker's health and about the actions they should implement to take care of this group. Nevertheless, those professionals are aware of the importance of this area and have interest in upgrading and training in occupational health. Thus, we identified the lack of an effective education program to meet the demands of professionals.

**Key-words:** Occupational Health, Occupational Health Nursing, Public Health Nursing.

### 1.0 - INTRODUÇÃO

A saúde do trabalhador é um campo do conhecimento científico que estuda as relações entre o processo saúde-doença e os

processos de trabalho. Processo saúde-doença considera a forma de inserção dos indivíduos nos espaços de trabalho e como o trabalho pode influenciar na saúde e qualidade de vida e em formas específicas de adoecer e morrer (Lacaz,

2000).

A saúde e a qualidade de vida do trabalhador são assuntos que vêm ganhando relevância no cenário atual. Analisando a saúde do trabalhador no contexto da enfermagem percebe-se que o trabalho da enfermagem impõe aos profissionais uma rotina carregada de tensão.

A rotina de trabalho da equipe de enfermagem possui grande fluxo de pessoas, mistura de sons, queixas e lamentações que se sucedem no cotidiano, além da realização de trabalhos repetitivos. Soma-se a estas questões a disputas pelo mercado de trabalho dentre os próprios profissionais. A partir dessas percepções, faz-se necessário compreender melhor essa problemática e saber se os enfermeiros conhecem a área de atuação na saúde do trabalhador e quais ações são desenvolvidas para o cuidado com esses indivíduos.

Ressalta-se que a enfermagem, além de ter o dever de conhecer os riscos ocupacionais e riscos que possam afetar a qualidade de vida do paciente, deve estar inserida dentro das empresas prestando o cuidado a estes trabalhadores. Sabe-se que as grandes empresas já possuem profissional enfermeiro habilitado para essa área, mas ainda está longe para isto se tornar uma realidade em todos os locais de trabalho. (Kurcgant, 2001).

A presença de profissionais como o enfermeiro e médico do trabalho são importantes no quadro administrativo de uma empresa. Uma vez que são estes profissionais que vão se encarregar da proteção, saúde e integridade física e psicológica do empregado, através da realização de exames periódicos, da distribuição de equipamentos de segurança e da realização de palestras informativas sobre primeiros socorros, prevenção de doenças, treinamentos de combate ao incêndio, etc.. Cunha (2005) ressalta que os recursos humanos são a base da organização, seja ela pública ou privada e seu desempenho profissional é fundamental para o crescimento da empresa na qual trabalha, e para que isso aconteça é necessário que o empregador zele pela saúde e qualidade de vida do empregado.

O presente estudo teve como objetivo analisar o conhecimento dos profissionais de enfermagem da rede pública de saúde em relação saúde do trabalhador e as principais ações realizadas para garantir a qualidade de vida desses profissionais. A pesquisa justifica-se pelo princípio de que para o trabalhador desenvolver bem seu trabalho e para que esteja satisfeito com sua qualidade de vida, é preciso estar bem de

saúde fisicamente e mentalmente. Isso é possível através de conhecimento sobre como prevenir doenças laborais e como tratá-las.

Através deste estudo foi possível lançar um olhar crítico para as práticas e para as relações estabelecidas no dia-a-dia dos profissionais da saúde desejando que os enfermeiros e os futuros enfermeiros estejam preparados para enfrentar a rede pública de saúde e saibam como agir com a saúde do trabalhador, melhorando a qualidade de vida da população.

## 2.0 - SAÚDE DO TRABALHADOR

O trabalho é uma das fontes de satisfação de diversas necessidades humanas, como auto-realização, manutenção das relações interpessoais e sobrevivência. Por outro lado, pode ser fonte de adoecimento quando contém fatores de risco para a saúde e o trabalhador não dispõe de instrumental suficiente para se proteger desses riscos. Muitos fatores de risco podem causar doenças ocupacionais, sejam físicos, químicos, biológicos, ergonômicos ou psicossociais. (Murta; Trocoli, 2004).

A Lei Orgânica da Saúde, nº 8.080 de 19 de setembro de 1990, define a saúde do trabalhador em seu artigo 6º, como um conjunto de atividades que se destina, através de ações de vigilância epidemiológica e de vigilância sanitária, à promoção e à proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa a recuperação e a reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos advindos das condições de trabalho (Brasil, 2002).

A saúde dos trabalhadores insere-se no conceito mais amplo de saúde pública, e seu atendimento é garantido pelos mesmos princípios defendidos pelo movimento da reforma sanitária legitimados pela Constituição Federal de 1988 e pela consolidação do SUS. É também uma política que deve ser vista de forma transversal nas outras políticas de saúde e deve levar em conta os atores dos processos produtivos e o trabalho deve ser reconhecido como um dos determinantes do processo saúde/ doença dos indivíduos e da coletividade (Moura, 2008 *apud* Secretaria de Saúde de Pernambuco, 2008).

### 2.1 - Algumas das principais doenças relacionadas ao trabalho

Couto *et al* (1998 *apud* Melo, 2003) destacam que no Brasil os casos de LER/DORT

constituem-se a principal causa de doenças relacionadas ao trabalho, contribuindo com mais de 65% dos casos reconhecidos pela previdência social. Em geral as empresas não investem na prevenção, desrespeitam os direitos dos empregados e fazem pouco caso da reabilitação do trabalhador acometido de LER/DORT.

Na guerra da competitividade, a pressão sobre trabalhadores faz vítimas em todos os setores, dos escritórios às linhas de produção. O resultado é que a LER/DORT se tornaram a principal doença de trabalho neste início de milênio. Mais de 50% dos casos notificados ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) estão ligados a elas. E o que é pior: os portadores são pessoas com idade no auge de sua capacidade produtiva (Neto, 2001).

São fatores predisponentes a repetitividade de movimentos, a manutenção de posturas inadequadas por tempo prolongado, o esforço físico, a invariabilidade de tarefas, a pressão mecânica sobre determinados segmentos do corpo (em especial membros superiores), o trabalho muscular estático, fatores organizacionais do trabalho e fatores psicossociais (Kuorinka; Forcier, 1995).

Além das doenças de LER/DORT, estudos de Souza (2008), sobre as doenças laborais, afirmam que é crescente o número de pessoas com saúde mental afetada pelo ambiente de trabalho. As exigências, pressões e mudanças estão entre os fatores que cada vez mais contribuem para o estresse ocupacional. Funcionários dos mais variados níveis hierárquicos e de companhias de todos os segmentos têm apresentado distúrbios psíquicos.

As transformações no cenário mundial e suas expressões no mundo do trabalho são reconhecidas como fatores que vêm contribuindo para o crescimento do sofrimento mental e dos distúrbios psicológicos de modo geral. Esses problemas são antigos e bem foram retratados no filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin, que demonstra a depressão dos americanos devido ao trabalho, na década de 30 (Souza, 2008).

A Organização Mundial da Saúde estima a ocorrência de índices de 30% de transtornos mentais menores e de 5 a 10% de transtornos mentais graves na população trabalhadora ocupada. Estudos sobre afastamento do trabalho por doença apontam os transtornos mentais a primeira causa de incapacidade para o trabalho em relação ao tempo de afastamento (Brasil, 2001).

Outra doença de grande incidência nos

trabalhadores é a Síndrome de *Burnout* ou também conhecida como síndrome do esgotamento profissional, são distúrbios que acometem os trabalhadores, por um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho. Tem sido descrita como resultante da vivência profissional em um contexto de relações sociais complexas envolvendo a representação que a pessoa tem de si, e dos outros (Brasil, 2001).

Codo e Vazques-Menezes (1999), em seus estudos concluem que a síndrome afeta, principalmente profissionais da área de serviços quando em contato direto com seus usuários. Contudo, como clientela de risco, são apontados os profissionais da área de educação, saúde, policiais e agentes penitenciários.

Segundo Brasil (2001), a prevenção da síndrome de esgotamento profissional envolve mudanças na cultura da organização do trabalho, estabelecimento de restrições à exploração do desempenho individual, diminuição da intensidade de trabalho e da competitividade, busca de metas coletivas que incluam o bem estar de cada um. A prevenção desses agravos requer uma ação integrada, articulada entre setores assistenciais e os de vigilância. É importante que o paciente seja atendido por uma equipe multiprofissional, que dê conta tanto dos aspectos de suporte ao sofrimento psíquico do trabalhador, quanto dos aspectos de intervenção nos ambientes de trabalho.

## 2.2 - Assistência de enfermagem no serviço de saúde ocupacional

A saúde do trabalhador está inserida no âmbito da saúde pública e, através de métodos e procedimentos próprios, busca a preservação, a promoção e a proteção da saúde das populações de trabalhadores, implementando medidas de alcance coletivo. Isso implica em ação multidisciplinar e interdisciplinar na qual a enfermagem está inserida. Inicialmente, foi entendida como prestação de serviço de pronto-atendimento, o que não valorizou o exercício profissional nesse meio. Atualmente desempenha suas se visualiza um vasto campo para o desempenho de ações de enfermagem, quer na prestação de assistência direta aos trabalhadores e famílias, quer no desempenho de funções administrativas, educacionais, de interação e de pesquisa (Haag; Schuk; Lopes, 1997).

A história da enfermagem do trabalho no

Brasil é bastante recente, visto que a inclusão do enfermeiro do trabalho na equipe de saúde nas empresas ocorreu somente em 1975, por meio da portaria n° 3.460/75, do Ministério do Trabalho. O enfermeiro do trabalho é um profissional que, na maioria das vezes, atividades em empresas que não tenham caráter filantrópico ou hospitalar. Sua qualificação ocorre com o curso de pós-graduação em enfermagem do trabalho (Lazarotto et al., 2004).

Para Lucas (2004 p.20):

“Portanto, o profissional enfermeiro do trabalho pode ser definido como o profissional especialista em saúde ocupacional que presta assistência de enfermagem aos trabalhadores, promovendo e zelando pela saúde, contra os riscos ocupacionais, atendendo os doentes e acidentados, visando seu bem estar físico e mental, como também gerenciando a assistência de enfermagem, sendo responsável técnico pelas ações e pela equipe de enfermagem”.

O enfermeiro do trabalho executa funções assistencial administrativa, educativa e de integração com a pesquisa. Interage com a equipe de saúde ocupacional na instituição e com grupos de estudos para propiciar a preservação, manutenção e reabilitação da saúde do trabalhador. A função assistencial da enfermagem do trabalho tem seu diferencial da enfermagem generalista, pois deve relacionar os problemas de saúde do trabalhador com seu ambiente de trabalho (Carvalho, 2001).

### 3.0 - MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo de caráter quantitativo, do tipo exploratório descritivo analisou o nível de conhecimento dos profissionais de enfermagem que atuam na rede pública de saúde em relação da saúde do trabalhador no município de Francisco Beltrão-PR e identificou as principais ações desenvolvidas para a garantia da qualidade de vida desses profissionais.

O estudo desenvolvido foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Paranaense – UNIPAR e foi aprovado sob o protocolo n° 16182/2009. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário semi-estruturado, o qual foi aplicado pela própria pesquisadora no período de 03 de junho de 2009 a 18 de junho 2009 em oito Unidades de Saúde da Família (rede pública de saúde) do Município de Francisco Beltrão-PR. O

município tem população estimada pelo IBGE (2007) de 75.517 habitantes.

Foram entrevistados os enfermeiros (as) que atuam na Estratégia Saúde da Família - ESF, de ambos os sexos (feminino e masculino) e faixas etárias. As entrevistas ocorreram durante o horário de trabalho dos profissionais, entre as 7h30min às 11h de segunda a sexta-feira, com horário previamente agendado. Vale ressaltar que dos oito (8) enfermeiros da rede pública de saúde do município de Francisco Beltrão – PR, que atuam em equipes da ESF sete (7) profissionais responderam ao questionário e um (1) profissional não quis participar da pesquisa, conforme lhe é assegurado pelo comitê de ética sobre sua livre decisão de participar ou não da pesquisa.

Ressalta-se que a pesquisa foi desenvolvida de acordo com a resolução n°. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que determina as diretrizes e normas para as pesquisas com seres humanos. Para garantir o anonimato dos integrantes da pesquisa no decorrer do trabalho de conclusão de curso as falas dos enfermeiros foram processadas utilizando nome de cidades da Grécia.

### 4.0 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados e tabulação, estes foram analisados e são apresentados a seguir. Inicialmente foi realizada a caracterização dos entrevistados em que segundo gênero, 14,3% são do sexo masculino e 85,7% são do sexo feminino. A maior porcentagem de profissionais que atuam nessa área são pessoas na faixa etária entre 40 e 49 anos de idade (57,2%), em segundo lugar a faixa entre 20 e 29 anos de idade (28,5%), na sequência, entre 30 e 39 anos de idade (14,3%) e acima de 50 anos de idade nenhum enfermeiro que atua na rede pública de saúde do município de Francisco Beltrão-PR, em ESF.

Os profissionais entrevistados, segundo o tempo de formação, apresentam 42,9% formaram-se na graduação entre 1980 e 1989; 28,6%, entre 1990 e 1999; e 28,6%, entre 2000 e 2008; dados que se configuram relacionados à idade dos profissionais e também é uma variável importante quando se refere e questiona-se sobre como está à atualização do conhecimento desses profissionais, especialmente relacionada à saúde do trabalhador, uma vez que estes já estão formados há muitos anos, todos trabalham há três anos ou mais. Um dado muito relevante, pois



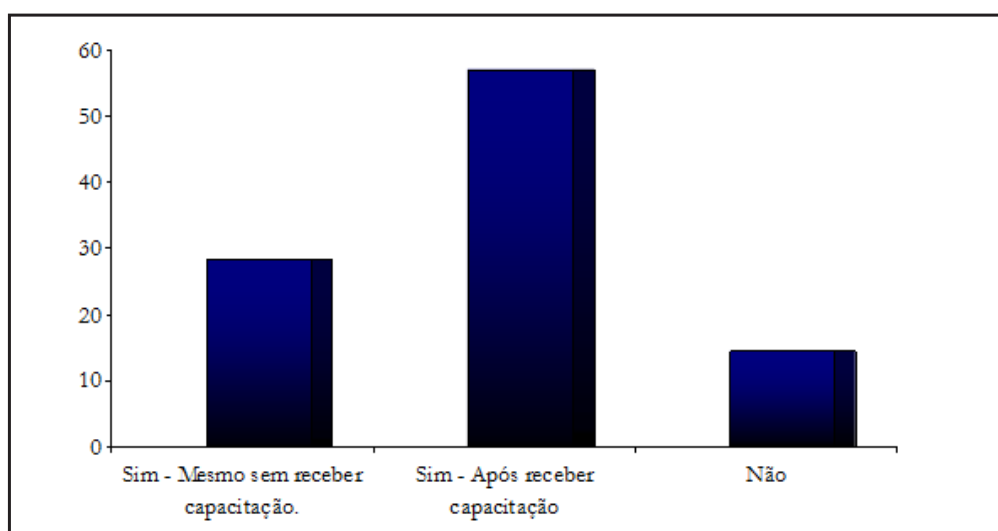
entende-se que com três anos ou mais os profissionais já tiveram tempo suficiente para conhecerem o funcionamento da ESF e conhecer os programas de saúde preconizados pelo ministério da saúde, que são realizados nestas unidades.

Após, foi questionado se algum dos enfermeiros (as) tinha especialização em saúde do trabalhador e apenas 14,3% (1 enfermeiro) dos profissionais apresentou pós-graduação e 85,7% (6 enfermeiros) não tinham pós-graduação na área. A contratação nos Programas de Saúde da Família ocorre por intermédio de concurso. A estabilidade no cargo pode gerar comodismo do profissional enfermeiro em atualizar-se na saúde do trabalhador, ou também pode-se ter como

hipótese que a saúde do trabalhador ainda é uma área nova de especialização.

Após caracterizar o perfil dos enfermeiros entrevistados, as questões foram mais direcionadas sobre o cuidado com a saúde do trabalhador. Esses dados podem ser observados na Figura 1.

Questionaram-se os profissionais enfermeiros sobre sua capacidade de cuidar de pacientes com doenças laborais, e percebe-se que mesmo sem ter especialização e sem receber capacitação 28,5% se sentiam preparadas para atender pacientes com esses problemas; 57,2% só se sentiriam capacitados após treinamento e 14,3% não se sente preparado para atender paciente com doenças laborais.



**Figura 1** - Percepção dos Profissionais enfermeiros quanto a capacidade para cuidar de pacientes com doenças laborais.

O profissional gradua-se com noção limitada sobre a saúde do trabalhador, pois durante a graduação não tratam especificamente de determinadas especialidades, fazendo com que muitas vezes os profissionais sintam-se capacitados em atuar na assistência ao trabalhador pela simples base na experiência da prática. Isso é um fator preocupante, pois muitas vezes os cuidados e orientações podem não estar sendo adequado a esse trabalhador, e pode-se assim prejudicar sua qualidade de vida (Cunha, 2005).

Trabalhar com doenças do trabalho exige conhecimentos que vão além daqueles esperados na formação da enfermagem, espera-se que sejam capazes de dar conta das exigências próprias das doenças e das necessidades específicas de cada

paciente. Quando não existe tal domínio, o profissional sente-se impotente para o atendimento, e por vezes pode deixar de atender da forma como o paciente está necessitando (Pereira, Campos e Silva, 2009).

Na sequência identificou-se o percentual do conhecimento dos profissionais enfermeiros frente às doenças laborais. E essa variável analisada é uma questão que preocupou este estudo, pois, 100% dos entrevistados responderam que conhecem as doenças laborais, porém frente às respostas positivas na mesma questão pedimos que os enfermeiros citassem no mínimo três doenças laborais. O resultado demonstrou que existe um desconhecimento das doenças que afetam a saúde do trabalhador. Várias

vezes foram citadas a mesma doença e inclusive um dos participantes da pesquisa não soube responder a pergunta. Percebe-se assim a falta da realização de educação continuada nas equipes de enfermagem, devido ao desconhecimento de grande maioria das doenças laborais. As doenças laborais citadas pelos profissionais apresentam-se na Tabela 1.

Sabe-se que a educação permanente na equipe de enfermagem é um fator altamente relacionado à qualidade da assistência prestada ao paciente. A educação em saúde pressupõe uma combinação entre a promoção e a manutenção da saúde, garantindo a atenção à saúde de qualidade, desenvolvendo a autonomia da população em relação à sua própria saúde, satisfazendo suas necessidades (Gonçalves e Vilarta, 2004).

A educação em saúde, segundo Kurcgart (2001) facilita a transformação do potencial do profissional em comportamentos objetivos e favorece o desenvolvimento de uma consciência

crítica com possibilidades de ver e analisar melhor a realidade em que está inserido.

A equipe de enfermagem, ao inserir-se no mercado de trabalho acaba assumindo um papel, cuja finalidade é a de cumprir, fazer cumprir normas e rotinas impostas pela instituição, muitas vezes não recebendo incentivo para ampliar os conhecimentos que possam reverter na melhoria da qualidade do cuidado[...] A equipe de enfermagem constitui o grupo trabalhador mais amplo do setor de saúde, e esse número tende a aumentar, devido as atividades que deverão ser desenvolvidas na atenção primária e nos serviços especializados, ressaltando a grande heterogeneidade existente na formação dos elementos da equipe de enfermagem de desenvolverem atividades de natureza e abrangências diversificadas (Lucon; Marin, 2001, p.89).

**Tabela 1** – Doenças laborais que os profissionais enfermeiros conhecem.

Enfermeiros	Doenças citadas
Enfermeiro 1	Nenhuma Doença
Enfermeiro 2	Dermatose ocupacional, LER, Intoxicação por chumbo, síndrome de Burnout, depressão.
Enfermeiro 3	LER, DORT, pneumoconiose, intoxicação por sílica.
Enfermeiro 4	LER, Acidentes de trabalho, doenças respiratórias, lombalgia.
Enfermeiro 5	LER, Distúrbios mentais relacionados ao trabalho, stress.
Enfermeiro 6	Lombalgia, LER, Stress.
Enfermeiro 7	DORT, LER, Stress.

Fonte: Pesquisa de Campo (2009).

Desta forma, conforme observado na Tabela 1, o conhecimento dos enfermeiros para cuidar de doenças laborais é precário. Isso pode ser caracterizado pela repetição de LER, DORT e lombalgia em uma mesma resposta, tendo em vista que seriam a mesma coisa, pois lombalgia é uma DORT e este é um termo atual e mais ampliado do que antigamente chamávamos de LER. Essa é uma condição que precisa ser revista pelos gestores de saúde. Pois, a enfermagem precisa de educação permanente para estar atualizada e poder oferecer cuidados e orientações para os trabalhadores que possibilite melhoria na qualidade de vida deles.

Sendo a educação permanente um processo que se confunde com a própria vida, é importante frisar que o aspecto do “querer aprender” das pessoas está sempre presente e, quando latente deve ser estimulado (Neto, 2001).

O objetivo deve ser o de promover saúde integral e a da comunidade pela qual são responsáveis, devendo para isso adquirir conhecimento e algumas habilidades específicas.

Sabe-se ainda que a viabilização de cursos para os trabalhadores da rede pública de saúde deve ser oferecida pelo próprio município com apoio da Secretaria Estadual do Ministério da Saúde, sendo importante que a enfermagem possa participar da escolha dos cursos, levantando as principais dificuldades. É importante que a enfermagem discuta junto com a coordenação quais são suas dificuldades, suas barreiras, e assim, de forma conjunta, decidam quais os temas a serem abordados pela educação permanente.

Questionaram-se a importância da saúde do trabalhador na visão dos enfermeiros e todos indicaram ser muito importante a saúde do trabalhador no seu dia-a-dia. O conhecimento

prévio dos enfermeiros e suas experiências anteriores demonstram que esses profissionais são capazes de entender a importância de saber cuidar dos pacientes que sofreram algum tipo de doença do trabalho.

Mas, em seguida foi perguntado se a enfermagem do trabalho tem sido considerada como item fundamental e indispensável na promoção da qualidade de vida do trabalhador e as respostas foram: Não = 71,4%, Sim = 14,3% e Pouco provável = 14,3%, significando que não adianta ter a consciência da importância e não realizar atividades que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do trabalhador no município.

Rosa e Pilati (2006 *apud* Presoto, 2004, p.71.) afirmam que:

A legislação vigente pautada na organização do ambiente laboral é insuficiente para garantir a qualidade de vida do trabalhador ou produzir um ambiente mais humanizado. Para eles as necessidades mais básicas e as aspirações mais altas do trabalhador devem ser atendidas, pois uma análise ergonômica do trabalho não é suficiente. Inferiram ser a humanização do trabalho uma necessidade não garantida somente como aparato legal, sendo necessário muito mais do que isto.

Entende-se que os trabalhadores precisam de orientações e auxílio, e a equipe da ESF, por estar próxima as famílias e aos trabalhadores, conseqüentemente, têm oportunidade de trabalhar em prol do bem-estar dessas pessoas, podendo desenvolver atividades que permitam a pessoa trabalhar com satisfação e orientada sobre os cuidados com a saúde.

Em sequência ao estudo, foram entrevistados os enfermeiros com algumas questões abertas, as quais serão apresentadas com as falas dos profissionais. Para manter o anonimato, estes receberam os nomes de cidades da Grécia. Solicitou-se que os profissionais citassem alguns riscos aos quais ele e as equipes de enfermagem estão expostas em seus ambientes de trabalho e pode-se verificar pelas falas:

*“Alguns problemas auditivos, LER/DORT e depressão”.* (Atenas)

*“Riscos biológicos, físicos, ergonômicos e síndrome de Burnout”.* (Esparta)

*Contaminação com material biológico e acidente de trajeto”.* (Nikaia)

O stress esteve presente nas falas, por ser um fator que prejudica muito o trabalho e exige do profissional forte equilíbrio emocional, por estar entre a vida e a morte.

*“Contaminação, stress, acidente de trajeto”.*  
(Drama)

*“Acidente com perfuro-cortante e stress”.*  
(Larissa)

*“Risco com material pérfuro-cortante, stress, doenças infecto contagiosas, risco ergonômico”.* (Pireus)

Conforme pode-se observar, os depoimentos dos enfermeiros condizem com as explicações dos autores de que a enfermagem é uma profissão que está suscetível ao desenvolvimento de uma série de doenças laborais. Uma das doenças que afeta o profissional, podendo prejudicar no seu desempenho profissional é o stress, pois acarreta em falhas de percepção e dificuldade de concentração nas tarefas a serem executadas, o que na profissão em que trabalhamos não podemos ter esse tipo de falhas, pois estamos lidando com vidas.

Sabe-se também que além do stress, existem outros fatores relacionados às condições de trabalho que alteram ou comprometem o desempenho dos profissionais da equipe de enfermagem na execução de suas tarefas, entre os quais podemos citar: frequência alta de tarefas complexas e que exigem tomada de decisão rápida; carga horária de trabalho elevada; déficit de pessoal de enfermagem e conseqüente sobrecarga de atividades (Bulhões, 2004).

Concluiu-se que os principais riscos ocupacionais a que estão expostos os componentes da equipe de enfermagem são: excesso de ruídos na unidade, a exposição diária a agentes biológicos, fatores psicossociais (depressão e stress), de natureza ergonômica, LER/DORT, risco com material pérfuro-cortante.

Em seguida, ao analisar as diferentes concepções sobre saúde do trabalhador, nos limites oferecidos pelo estudo, enfatiza-se a influência do conhecimento dos enfermeiros sobre a saúde dos trabalhadores. Abaixo será descrita a fala dos enfermeiros sobre o que é saúde do trabalhador, conforme segue:

*“Condições mínimas de trabalho em que não nos prejudique física e mentalmente”.*  
(Nikaia)

*“É o trabalhador ter boas condições de trabalho, EPI’s, horários bem determinados e dependendo das empresas rotatividade de funções”. (Esparta)*  
*“É a condição física e psíquica do trabalhador dentro do seu ambiente de trabalho”. (Atenas)*

Laurell e Noriega (1989) referem que é necessário compreender que as doenças laborais não são apenas acontecimentos individuais, mas uma condição da coletividade com influências sociais marcantes. Enfatizam a necessidade do estudo da relação trabalho-saúde para a compreensão de como se articula e expressa a saúde-doença como um processo social, com vista a promover a saúde dos trabalhadores.

Segundo Zapparoli (2005) os trabalhadores muitas vezes não modificam seus comportamentos apenas com medidas preventivas, treinamento e educação continuada, ele precisa viver um fato marcante, com ele ou outra pessoa, para então passar a se preocupar com sua saúde, e desta forma assim como as falas de alguns enfermeiros, acabam por atuarem apenas com procedimentos de enfermagem curativa, não dando tanta ênfase à prevenção das doenças laborais.

Conforme as falas apresentadas acima percebe-se que na visão dos enfermeiros a saúde de trabalhador encontra-se atrelada às boas condições de trabalho, dependentes de alguns fatores que possibilitam essas condições, tais como: materiais de proteção individual disponível, rotatividade de funções e horários adequados e ainda os enfermeiros ressaltam a importância de condições mínimas de trabalho que não prejudique nem a saúde física e nem a saúde mental. É válido destacar que em muitas empresas os profissionais só utilizam EPI’s (Equipamentos de Proteção Individuais) quando vão ser fiscalizados, e no seu dia-a-dia deixam de usar, por achar desconfortável ou incômodo, porém o pequeno desconforto pode prevenir que eles sofram de doenças laborais futuras e até mesmo acidentes instantâneos.

A adesão ao uso dos EPI’s está relacionada à percepção que os trabalhadores têm acerca dos riscos a que estão expostos e da susceptibilidade a estes riscos. Até mesmo, alguns profissionais da saúde banalizam os riscos ocupacionais ao lidar com material biológico, não sabendo, na sua maioria, identificar as conseqüências decorrentes na inobservância do uso de medidas de

prevenção.

Estudo realizado por Sarquis e Felli (2000), identificou que 84% dos trabalhadores de saúde julgam desnecessário o uso de EPI’s por descreditarem na contaminação do material que estão manipulando. Percebe-se que quando o trabalhador prioriza sua saúde em seu trabalho, independentemente do ambiente em que este trabalha, existe uma sensação de bem-estar no final da jornada, sem preocupações. Esse sentimento é importante porque ele é sentido e vivenciado e permite a esse trabalhador desenvolver suas atividades com segurança.

As falas acima fazem parte do cotidiano da saúde do trabalhador, ainda que as falas sejam curtas deve-se entender que essa área da saúde é muito mais complexa, e precisa aprender a olhar a coletividade com uma visão mais ampla dos riscos a que os trabalhadores se expõem. Nas falas anteriores os profissionais acreditam que a saúde do trabalhador só é visível na assistência curativa, porém outros profissionais, conforme demonstramos nas falas abaixo acreditam na saúde do trabalhador de uma forma preventiva e secundariamente curativa, ou seja:

*“Ações voltadas à prevenção com intenção de manter o equilíbrio da saúde do trabalhador”. (Drama)*

*“A preocupação em oferecer ao trabalhador assistência com prevenção das doenças básicas, de acordo com cada profissão”. (Pireus)*

*“O bem-estar físico, emocional e biopsicossocial e laboral, prevenção de agravos e doenças laborais”. (Larissa)*

Os programas de promoção da saúde no local de trabalho destinam-se a aumentar o bem-estar do trabalhador e avançar para um estado de saúde ótimo, bem como reduzir os riscos para a saúde.

Além dos trabalhos e orientações que as empresas são obrigadas a oferecer aos seus empregados, a enfermagem, dentro da ESF pode desenvolver estratégias para repassar orientações e conscientizar a população. Conforme já citamos, sabemos que não bastam apenas orientações, mas podem-se buscar novas alternativas, através de dinâmicas, cursos de aperfeiçoamento, enfim, usar da criatividade para conseguir prevenir as doenças laborais. Como exemplo, a atividade física durante o expediente de trabalho tem a importante tarefa de prevenção das doenças



ocupacionais, bem como do sedentarismo. O bom estado físico do trabalhador garante eficiência e eficácia, além de diminuir os riscos de invalidez decorrente do ofício ou de se aposentarem precocemente devido às doenças degenerativas.

A saúde do trabalhador cuida da saúde nos ambientes e nas relações do ser humano com o trabalho, promovendo a saúde, prevenindo agravos, recuperando a saúde/tratando e reabilitando o trabalhador. O desenvolvimento de ações individuais e coletivas que visem atuar no processo saúde-trabalho-doença, para eliminar ou controlar determinantes, fatores de riscos e danos são do seu escopo. O pressuposto desta ação é o controle da exposição/sujeição na perspectiva de prevenir agravos à saúde dos trabalhadores, manifestos, seja como sofrimento, dano, exigências, cargas, desgaste, doenças, acidentes (Laurell; Noriega, 1989).

Finalmente perguntamos aos profissionais enfermeiros, sujeitos do estudo, qual a importância da enfermagem na saúde do trabalhador no município. Nos depoimentos dos enfermeiros participantes deste estudo, alguns afirmaram conhecer a importância do trabalho do enfermeiro, conforme se apresenta as falas:

*“Trabalha na orientação e prevenção por meio de palestras e ações educativas, também trabalha na parte curativa dando suporte ao tratamento”. (Pireus)*

*“A enfermagem é fundamental para qualquer ação e muito mais na saúde do trabalhador”. (Nikaia)*

Estes profissionais conhecem as ações e serviços que podem ser realizados e entendem a melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores que eles podem proporcionar. Através de um bom planejamento das ações, responsabilidades, identificação de problemas e prioridades para a intervenção nos ambientes que resultem em impacto coletivo; elaboração de normas técnicas específicas para a saúde do trabalhador; com outros atores sociais como entidades representativas dos trabalhadores, universidades e organizações não governamentais, estabelecer parcerias para a realização de projetos que visem à transformação dos processos e relações de trabalho; informar a sociedade, em especial aos trabalhadores e respectivos sindicatos sobre os riscos e danos à saúde no exercício da atividade laborativa e nos ambientes de trabalho; contribuir

para o fortalecimento da organização dos trabalhadores visando à conquista da cidadania pela atuação destes no próprio local de trabalho; capacitar os profissionais e as equipes de saúde para identificar e atuar nas situações de riscos à saúde relacionados ao trabalho. Todas essas ações podem ser realizadas e demonstrar cada vez mais a importância do enfermeiro frente à saúde do trabalhador.

E ainda, alguns reafirmam que a enfermagem frente à saúde do trabalhador atua de forma mais curativa e não de forma preventiva:

*“Desconheço esse trabalho, a enfermagem trabalha somente a parte curativa”. (Atenas)*

*“Se os profissionais possuísem capacitação em saúde do trabalhador, seria bem mais fácil prevenir as doenças laborais”. (Larissa)*

*“A enfermagem esta mais voltada para a parte curativa é importante por tratar, realizar procedimentos como educação em saúde, prevenção de doenças, etc”. (Drama)*

*“Dando as orientações aos trabalhadores que procuram o atendimento, tratando (parte curativa) consulta de enfermagem, solicitando exames”. (Esparta)*

Analisando as entrevistas e concluindo a análise dos dados coletados neste estudo, é relevante destacar que os profissionais ainda desconhecem as mudanças no modelo de atenção à saúde proposto pelo Ministério da Saúde. O modelo de assistência curativa (hospitalocêntrica) já é um modelo de atenção à saúde que apenas trabalha com a recuperação e reabilitação dos pacientes. Atualmente, e em especial aos profissionais que atuam na ESF, cujo princípio é a atenção básica à saúde, que se caracteriza por ações de prevenção e promoção de saúde, é imprescindível que conheçam o campo de atuação do enfermeiro e sua relevância para os trabalhadores do município. Destaca-se, ainda, que a previsão de serviços voltados à assistência curativa inibe o direito à saúde e à cidadania, que é preconizado na constituição brasileira.

O fato de este estudo ter detectado diversos problemas em relação ao conhecimento dos profissionais pesquisados a respeito de ações e serviços de saúde na atenção à saúde do trabalhador, leva-nos a pensar sobre a educação universitária, cujo ensino, apesar de sua visão holística e não apenas curativa, parece deixar a

desejar. Portanto, é válido repensar a necessidade de uma educação permanente e uma capacitação para esses profissionais atuarem na atenção básica, em especial na saúde do trabalhador que é foco deste estudo.

No entanto, percebe-se o interesse na educação continuada por parte dos profissionais, caracterizando o interesse deles em atualizarem-se para melhor atender aos trabalhadores do município. Destaca-se, ainda, a importância de que os governos estaduais e municipais invistam, estimulem e proporcionem condições adequadas para que os enfermeiros possam realizar uma especialização, e desta forma, desenvolverem suas atividades com mais autonomia e conhecimento especializado tecnicamente e cientificamente.

## 5.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos tempos ocorreram várias mudanças na natureza do trabalho e nos postos de trabalho, bem como na economia das organizações. Tais mudanças priorizam o ser humano como trabalhador, a qualidade de vida, a saúde e a segurança no ambiente laboral. Na enfermagem é possível atuar em diversas áreas: enfermagem cirúrgica, pediátrica, clínica, entre outras, mas o foco desse artigo baseou-se na enfermagem do trabalho que desempenha papel decisivo no planejamento da prestação de serviços de saúde e de segurança nos locais de trabalho sendo o mais novo enfoque profissional para a enfermagem, pois os empresários estão percebendo que prevenir um acidente ou uma doença ocupacional custa menos que reabilitar um trabalhador.

A realização deste estudo possibilitou a reflexão sobre a necessidade de estimular e preparar enfermeiros e acadêmicos de enfermagem para atuarem na área de saúde do trabalhador, aponta a importância desses profissionais estarem se aperfeiçoando e adquirindo novos conhecimentos, e os gestores de todas as esferas de governo possibilitarem e promoverem esse preparo. O estudo não pretende mudar e nem criticar os profissionais e a forma como os governos desenvolvem a educação permanente, mas pretende estimular os gestores a dar um enfoque especial à saúde do trabalhador, que, na atualidade é muito importante para a promoção de qualidade de vida em sua coletividade.

## REFERÊNCIAS

- Brasil - Ministério da Saúde. *Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para serviços de saúde*. Brasília: 2001.
- Brasil - Ministério da Saúde. Constituição da república federativa do Brasil. *Lei n.º 8.080 de 19 de setembro de 1990*. Disponível em: <http://www.bvsmms.saude.gov.br/bvs/trabalhador/legis/01.pdf>. (Acesso 25/02/2009 10h20min).
- Brasil - Ministério da Saúde. Ministério da saúde. Departamento de atenção básica. *Caderno de saúde do trabalhador*. Brasília: 2002.
- Carvalho G.M. *Enfermagem do trabalho*. São Paulo: EPU, 2001.
- Codo W. Vazquez-Menezes I. *O que é Burnout?* Em: Educação Carinho e cultura. Codo W (org) Rio de janeiro: Vozes, 1999.
- Cunha K.C. *Gerenciamento na enfermagem: novas práticas e competências*. São Paulo: Martinari, 2005.
- Gonçalves A. Vilarta R. *Qualidade de vida e Atividade Física*. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.
- Haag G.S. Shuck J.S. Lopes J.M. *A enfermagem e a saúde dos trabalhadores*. Goiânia: Cultura e qualidade, 1997.
- Kurcgant P. (org.). *Administração em Enfermagem*. São Paulo: EPU, 2001
- Kuorinka I. Forcier L. *Work-related musculoskeletal disorders (WMSDs): a reference book for prevention*. Great Britain: Taylor & Francis; 1995.
- Lacaz F.A.C. Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença. *Ciênc. saúde coletiva*, v.5, n.1, p.151-161, Rio de Janeiro 2000.
- Lauriell A.C. Noriega M. *Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário*. São Paulo: Hucitec, 1989
- Lazarrotto E.M. et al. *Gestão de serviços de saúde: Condições de trabalho nas organizações*. Cascavel: coluna do saber, 2004.
- Lucas A.J. *O processo de enfermagem do trabalho. A sistematização da assistência de enfermagem em saúde ocupacional*. São Paulo: Iátria, 2004.
- Lucon S.M.R. Marin M.J.S. Atualização Profissional: Possibilidades e dificuldades de um grupo de enfermeiros do interior paulista. *Revista Nursing*, v.4, n.34, p.18-21, mar 2001.
- Mello C.D. *Doenças ocupacionais com ênfase a LER/DORT*. 2003. Monografia de especialização (Especialista em Gestão Universitária). Universidade Federal de Santa Catarina
- Murta S.G. Trocoli B.T. *Avaliação de intervenção em stress ocupacional*. Universidade de Brasília e universidade católica de Goiás, 2004. Disponível

em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n1/.pdf> (Acesso 04/03/2009 08h30min).

Neto F.J.S.L. *Módulo IV – Educação/Trabalho/Profissão*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2001.

Pernambuco. Secretaria de saúde de Pernambuco. *Informativo trimestral da Coordenação Estadual de Atenção a Saúde do Trabalhador*, 2008. Disponível em: <http://www.pipacomunicacao.net.pdf> (Acesso 22/02/2009 19h30min).

Pereira A. Campos A.E.R. Silva R.S. Morrendo com dignidade: sentimentos de enfermeiros ao cuidar de pacientes que morrem na unidade de terapia intensiva. *Rev Enferm UFPE On Line*. v.3, n.3, p.131-136, jul/set, 2009.

Presoto L.H. *Promoção de saúde e qualidade de vida do trabalhador em hospitais estaduais da cidade de São Paulo*.

Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, f.226, 2008.

Sarquis L.M.M. Felli V.E.A. O uso de equipamentos de proteção individual entre os trabalhadores de enfermagem acidentados com instrumentos perfurocortantes. *Rev Bras. Enferm.*, Brasília, v.53, n.4, p.564-573, out/dez, 2000

Souza E. *Distúrbios mentais são a terceira causa de afastamento do trabalho*. 2008. Disponível em <http://www.midiamaais.jor.br> (Acesso em 04/08/2009 14h15min).

Zaparolli A.S. *Promoção da saúde do trabalhador de enfermagem: análise da prática segura do uso de luvas na punção venosa periférica*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do São Paulo, 2005.